

**"Desse pão, eu não como":
Trajetória revolucionária de Benjamin Péret,
militante-e-poeta permanente***

Robert Ponge**

"Não se pode separar, em Péret, o poeta do militante revolucionário, o amante do poeta, o revoltado do militante. Mas não se pode esquecer que ele nunca confundiu os distintos níveis da realidade que correspondem a essas múltiplas vocações. Péret nunca foi redundante consigo mesmo."

Jean-Louis Bedouin (p.53)

RESUMO:

Este artigo visa apresentar um breve relato, com elementos de análise e de balanço, do trajeto percorrido pelo poeta e militante francês Benjamin Péret durante sua existência (1899-1959). Debruça-se sobre suas cinco dimensões cardinais: as experiências de vida, a obra poética, o ativismo surrealista, a militância política e a produção teórica, histórica e ensaística. Também, embora sucintamente, enfoca as suas vivências fora da França: Espanha (1936-1937), México (1942-1947) e as duas estadas no Brasil (1929-1931 e 1955-1956).

Palavras-chave: Péret (Benjamin), poesia, dadaísmo, surrealismo, história, política, marxismo, trotskismo.

RÉSUMÉ:

Le présent article vise à présenter un bref récit, accompagné d'éléments d'analyse et de bilan, de la vie du poète et militant français Benjamin Péret (1899-1959). Il se penche sur les cinq dimensions cardinales de la trajectoire de celui-ci : ses expériences de la vie, son œuvre poétique, son activité surréaliste, son militantisme politique et sa production de caractère théorique et historique. Cet article étudie aussi, quoique rapidement, les séjours de Péret hors de France : en Espagne (1936-1937), au Mexique (1942-1947) et au Brésil (1929-1931 et 1955-1956).

Mots-clés: Péret (Benjamin), poésie, dadaïsme, surréalisme, histoire, politique, marxisme, trotskisme.

* Versão revisada e levemente diminuída do artigo quase homônimo publicado na revista *História e Luta de Classes*, nº 2. ISSN da revista: 1808-09X. Rio de Janeiro: Associação para o Desenvolvimento da Imprensa Alternativa – ADIA, fevereiro de 2006. p. 29-43. O contato com a revista *História e Luta de Classes* pode ser feito através do e-mail historiaelutadeclases@uol.com.br.

** Robert Ponge é doutor em Letras pela USP e professor titular do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, em Porto Alegre, RS, onde leciona tanto tradução como literatura; nos estudos literários, pesquisa os diálogos surrealismo/modernidade, bem como as relações entre literatura e história.

Estréia na vida

Benjamin Péret nasce em 1899, numa pequena localidade dos arredores da cidade portuária e operária de Nantes (oeste da França), filho único de uma família modesta (seu pai é servidor público)¹. A partir de 1901, quando acontece a separação de seus pais, é criado pela mãe com uma severidade que suporta com dificuldade. Criança turbulenta, menino arteiro, moço rebelde, mau aluno, detesta a escola, uma *pesada sujeição*, que comparará a uma prisão.

Em 1914, estoura a Primeira Guerra Mundial, desejada pelas principais potências de então para resolver seus desacordos relativos à divisão e controle do mercado do planeta. Em 1917, para puni-lo de uma travessura (com um amigo, pintara uma estátua da cidade de Nantes), sua mãe obriga-o a alistar-se na grande carnificina. Ele nunca lhe perdoará por isso (PRÉVAN, 1999, p. 9). É nomeado para o 1º Regimento de Couraceiros,

verdadeiro campo de trabalhos forçados no qual os superiores, qualquer que fosse sua patente, só sabiam dirigir-se aos soldados com os mais grosseiros insultos, ameaçando-os, sempre, com punições. (OC, 6, p. 22)²

Terminada a fase de adestramento militar, é despachado para a frente de batalha, na Grécia; em seguida, é repatriado para tratamento de uma disenteria; após, é nomeado para o leste da França, participando da ocupação da Renânia. Consegue sair sôlo e salvo do massacre mundial, porém extremamente revoltado. Continuará odiando a guerra e as forças armadas. No final dos anos 50, ao preencher um questionário, à pergunta “Estréia na vida?”, responderá: “A Guerra de 1914, o que facilitou tudo!” (PÉRET, in BEDOUIN, h.t.)

Ignora-se quando e como nasceu a paixão de Péret pela poesia, mas não há dúvida de que, já em 1917, redigia poemas de inspiração e composição simbolistas. Em 1918, ao encontrar um número da revista *S/C* abandonado num banco de uma estação ferroviária, descobre a obra de Guillaume Apollinaire (1880-1918), um dos mais avançados expoentes da poesia moderna; provocou-lhe um verdadeiro “abalo”: “Foi como se eu desembarcasse numa terra desconhecida, no meio de uma fauna e de uma flora insuspeitadas.” (OC, 7, p. 242)

Pouco depois, toma contato com a poesia de Arthur Rimbaud (1854-1891): trata-se de outra autêntica revelação, sem igual até deparar-se com as obras de

¹ Em matéria de informações e fontes biográficas sobre Benjamin Péret bem como de estudos sobre seu pensamento, suas atividades e sua obra, ver os trabalhos listados na bibliografia no item “Estudos gerais sobre Péret”.

² A abreviação “OC” remete às *Œuvres complètes* (obras completas), em sete tomos, de Benjamin Péret. Nas referências, OC é imediatamente seguida do número do tomo e da indicação da página. As *Œuvres complètes* foram publicadas em Paris pela Association des amis de Benjamin Péret, em colaboração e co-edição com a Editora Éric Losfeld para os tomos 1 à 3 (respectivamente: 1969, 1971, 1979) e com a Editora José Corti para os tomos 4 a 7 (1987, 1989, 1992 e 1995).

Lautréamont (1846-1870) e de Alfred Jarry (1873-1907). O que não deve ter acontecido antes do começo de 1920.

A liberação das obrigações militares permite-lhe desenvolver contatos com os meios ligados à poesia moderna, principalmente com a revista *Littérature* (recém-fundada por Louis Aragon, André Breton e Philippe Soupault), a qual, após iniciar, em 1919, as experiências de escrita automática (que se tornarão essenciais à formação do surrealismo), está, justo naquele momento, engajando-se no dadaísmo.

O período dadaísta

Extremamente irreverente, o movimento Dadá propõe-se questionar e desmontar tudo, sem absolutamente nenhum respeito por nada – nem mesmo pela arte. Define-se como um “protesto nos punhos de todo o ser em ação destrutiva”, que procura cumprir “um grande trabalho negativo [...]. Varrer, limpar”, dando-se por objetivo “destruir as gavetas do cérebro e da organização social: desmoralizar em todo lugar [...]” (TZARA, p. 34, 33 e 27). No terreno da criação, Dadá não se propõe a produzir arte (“*A priori*, nos domínios da literatura e da pintura, seria ridículo esperar uma obra prima Dadá”, BRETON, 1920, p. 63), mas almeja “obras fortes, retas, precisas e para sempre incompreendidas” (TZARA, p. 31).

O convívio com a equipe de *Littérature*, mesmo sendo fisicamente limitado (pois trabalha como jornalista em Nantes), ajuda Péret a “abandonar os caminhos fáceis” da literatura. Tanto os exemplos daquilo que a escrita automática permite alcançar quanto a mensagem de Dadá convidam-no a partir à procura das sendas secretas sugeridas por Jarry, Rimbaud e Lautréamont, em busca da aventura mental e poética (OC, 7, p. 242). Um poema como “Passageiros de segunda classe e seus cabelos”:

“Corro pra lá
Para onde está correndo
Para nenhum lugar
Eu também
Então” (OC, 1, p. 27)

– poema que deixa o leitor sem saber com qual ponto (interrogação? exclamação? reticências?) terminá-lo – é um bom exemplo do êxito alcançado neste sentido por *O passageiro do transatlântico* (1921, com quatro ilustrações de Hans Arp), sua primeira coletânea, na qual a “fala” consegue, com uma radicalidade sem precedentes, “escapar ao peso das palavras” (BEDOUIN, p. 40), alcançando assim sentidos múltiplos.

O movimento Dadá ganha uma fama imediata em função das polêmicas e dos escândalos gerados pelo caráter iconoclasta e provocador das manifestações públicas que promove periodicamente. Por exemplo, por ocasião da primeira matinê Dadá em Paris (23 de janeiro de 1920), em vez de ler um de seus textos, como acaba de ser anunciado, Tristan Tzara procede à leitura do último discurso proferido na Câmara pelo deputado Léon Daudet (do *L'Action française*, movimento de extrema direita e monarquista) enquanto, nos bastidores, Breton e Aragon cobrem sua voz agitando freneticamente sinetas; quando da *soirée* de 27 de março, Breton comparece no palco vestido de homem-sanduíche, em cujos cartazes pode-se ler: "Para que vocês gostem de algo, é preciso que o tenham visto e ouvido desde muito tempo, seus idiotas"; ou, ainda, na mesma ocasião, o anunciado *quadro* de Francis Picabia revela-se ser um macaco de pelúcia afixado numa tela e enquadrado com as seguintes inscrições: "Retrato de Cézanne – Retrato de Rembrandt – Retrato de Renoir – Naturezas mortas"³. Em suma, Dadá não mede os meios para, com a maior insolência, escandalizar, provocar o público, suscitar sua exasperação, ira e protestos.

As manifestações dadaístas acabam, porém, comprazendo-se com o uso repetido deste tipo de procedimento, de artifício; cultivam o escândalo pelo escândalo. Dadá torna-se estereotipado, banaliza-se, esvazia-se de sua originalidade e de sua carga subversiva. O que é insuportável para aqueles que, como Breton, aderiram ao dadaísmo porque viram, em suas provocações, uma forma – e apenas uma *forma* – de protesto contra a ordem vigente. Surgem divergências, que se aguçam. Em fevereiro-abril de 1922, acontece a cisão.

Isolado em Nantes, Péret participava relativamente pouco das atividades públicas do dadaísmo. Dera, no entanto, o melhor de si para o movimento (por exemplo, em maio de 1920, na abertura da exposição de colagens de Max Ernst, ele desempenhou o ingrato papel do personagem que, escondido em um armário, deve saudar cada recém-chegado com um palavrão). Na confusão inicial do racha, ele fica ao lado de Tzara, o produtor mor dos espetáculos Dadá. Não tarda, entretanto, em revisar seu posicionamento, redigir um manifesto de ruptura e figurar entre aqueles que, com Breton, abandonam o dadaísmo à esterilidade, ao puro niilismo, dos quais falecerá após alguns meses de agonia (PONGE, 1991, p. 19-20; BEDOUIN, p. 22-28).

³ As informações relativas às manifestações dadaístas encontram-se em: SANOUILLET (p. 147, 165 e 167) e em BONNET (p. 198-258).

Da ruptura com o dadaísmo ao surrealismo

Nem Péret (agora instalado em Paris, onde conseguiu um emprego de jornalista), nem os demais abandonaram Dadá para voltar as costas à rebeldia e aderir à mesmice vigente mesmo que vestida à moda modernista. Pelo contrário. O nº 4 da “nova série” (pós-dadaísta) de *Littérature* estampa o programa radical que perseguem:

Não admirar-se, não encerrar-se na escola revolucionária convertida em academicista [o dadaísmo], não admitir a especulação mercantil, não buscar a glória oficial, inspirar-se somente na vida, ter como ideal apenas o movimento contínuo da inteligência. (PICABIA, p. 6)

Para dar prosseguimento às suas investigações (iniciadas em 1919 com as experiências de escritura automática) sobre o funcionamento psíquico, a criação poética e o relacionamento entre ambos, Breton e seus companheiros procuram explorar o subconsciente. Inicialmente, anotando, logo no despertar, o relato de seus sonhos; depois, através de experiências com o sono induzido (hipnótico ou auto-hipnótico), para as quais Péret demonstra uma extrema disposição e através das quais ele revela sua personalidade mais profunda, secreta, eufórica, mostrando-se capaz de achados deliciosos; quando de seu primeiro sono induzido, acreditando ver água, atira-se em cima da mesa e faz os gestos de nadar; certa vez, acredita estar num planeta desconhecido; noutra, se toma por uma flor;... (ALEXANDRIAN, p. 108-109, 117-119; BENAYOUN, p. 111-112).

Em 1923, Péret publica *No número 125 do bulevar Saint-Germain*, o primeiro daquele novo tipo de contos (cuja invenção o surrealismo deseja: “contos escritos para os adultos, contos ainda quase fabulosos” [BRETON, 1924, p. 26]), nos quais demonstra uma “soberba desenvoltura” em relação a seus personagens (COURTOT, 1965, p. 160); contos que criará como que naturalmente: *Era uma vez uma padeira* (1925), *E os seios morriam...* (1928, com um frontispício de Joan Miró), *No paraíso dos fantasmas* (1938, com uma ilustração, novamente de Miró), etc.

Em 1924, o movimento (até então sem denominação) que Breton, Aragon, Péret, Éluard e seus amigos vem impulsionando desde o racha com Dadá, assume o nome de *surrealismo* que Breton, em seu histórico *Manifesto*, define como um “não-conformismo absoluto” (BRETON, 1966, p. 63). Eliminam o periódico *Littérature* para fundar a revista *La Révolution surréaliste* (*A Revolução Surrealista*: a mudança de título é muito significativa); a direção dos três primeiros números é confiada a Benjamin Péret e Pierre Naville porque, conforme o testemunho do próprio Breton, são “então tidos como os mais integralmente possuídos pelo novo espírito e os mais rebeldes a toda e qualquer concessão” (BRETON, 1952, p. 110).

O que é o surrealismo? É, primeiro, preciso esclarecer que o surrealismo não se define como um modo literário, uma forma artística, mas como um estado de espírito:

O surrealismo não é uma forma poética.

É um grito do espírito que se volta para si mesmo e está mesmo decidido a quebrar desesperadamente seus grilhões,
se necessário com martelos materiais. (*Déclaration du 27 janvier 1925*, p.35)

De maneira resumida, digamos que o surrealismo:

- Parte de uma vontade de exploração das camadas e dos mecanismos do mundo mental aliada a um esforço de compreensão da natureza do fenômeno poético;

- Propõe-se, inicialmente, em propiciar uma revolução mental, intelectual que permita alcançar o ideal visado por Rimbaud: *Mudar a vida*, através de novas maneiras de pensar, de sentir, de se expressar;

- A busca destes novos modos de viver está assentada, por um lado, na recusa da lógica estática, linear e estreita bem como na rejeição das pretensas verdades do chamado *bom senso* ou *senso comum* (que, no mais das vezes, não se pauta senão pelo imediatismo e pelo utilitarismo); por outro lado, na firme vontade de não admitir e combater toda e qualquer censura (a começar pela auto-censura, donde a procura de técnicas permitindo liberar as forças internas, dar vazão espontânea à realidade interna); enfim, na exaltação de valores vitais como a liberdade, a poesia, o amor, o humor.

Ingresso da política na pauta surrealista

Em 1925, a participação da França na Guerra do Marrocos choca e revolta os surrealistas. Persuadem-se de que, para *quebrar os grilhões* denunciados pela *Declaração* coletiva de janeiro, o espírito precisa mesmo de *martelos materiais*; convencem-se de que a consecução de "uma nova declaração [surrealista] dos direitos do homem"⁴ (que inclua, por exemplo, o direito de sonhar) exige também a luta no terreno político e social. Assinam um apelo contra a Guerra, pelo direito à autodeterminação do povo marroquino e iniciam uma colaboração com o Partido Comunista Francês (PCF), que – não é inútil relembrá-lo – gozava então de todo o prestígio da Revolução de Outubro de 1917 (cuja imagem pública não fora ainda chamuscada pelo processo de burocratização da URSS, embora este já estivesse em marcha desde, no mínimo, 1923). Começam a ler obras de Marx e Engels bem como dos dois maiores dirigentes e teóricos da Revolução Bolchevique, Lenin e

⁴ "É preciso alcançar uma nova Declaração dos direitos do Homem". Frase impressa na capa do número inaugural da revista *La Révolution surréaliste* (nº 1. Paris, 1^{er} déc. 1924).

Trotski. Junto com outros intelectuais, lançam uma declaração intitulada *A Revolução, antes de mais nada e sempre!*, na qual se posicionam pela revolução social, condenando o sistema vigente que reduz o homem a mera mercadoria. A partir de então, o posicionamento e a atividade políticas passam a integrar de maneira definitiva a pauta surrealista. Postura que, posteriormente, André Breton resumirá numa bela fórmula: “‘Transformar o mundo’, disse Marx; ‘mudar a vida’, disse Rimbaud: para nós [os surrealistas], estas duas palavras de ordem são apenas uma.” (BRETON, 1935, p. 95)

O grupo inicia uma discussão sobre o tipo de relação a manter com o PCF, a qual rapidamente desemboca na seguinte dúvida: cabe filiar-se?

Tudo isto não ocorre impunemente na França extremamente conservadora de então. Por ter assinado o documento contra a Guerra do Marrocos bem como uma violenta carta aberta coletiva de resposta ao escritor e embaixador Paul Claudel (que acabara, publicamente, de caracterizar o surrealismo como *pederástico*), Benjamin Péret é despedido do jornal *Le Petit Parisien*; pelos mesmos motivos, o *Le Quotidien* desiste de contratá-lo (OC, 7, p. 317). Consegue sobreviver graças ao diário do PCF, *L'Humanité*, no qual colabora de setembro de 1925 a dezembro de 1926, inicialmente nas colunas de crítica cinematográfica, depois com as denúncias contra as forças armadas e a Igreja.

Em 1926, provavelmente no início ou em meados do primeiro semestre, Péret filia-se, individualmente, ao PCF; Jacques-André Boiffard, outro surrealista, também. O coletivo surrealista reafirma sua opção pela revolução social, ou seja, comunista (o que provoca algumas poucas saídas do grupo: Artaud e Soupault), mas, só em dezembro, consegue concluir a discussão a respeito da conveniência de filiar-se ou não ao Partido: é resolvido que cada um deve decidir individualmente a respeito. Os defensores da adesão decidem, porém, esperar a resposta do Partido à solicitação de Breton – o diretor da revista do grupo – para apresentar a sua.

O PCF submete Breton a vários longos interrogatórios diante de sucessivas “Comissões de Controle” encarregadas de avaliar seu pedido de adesão. Por que tantas dificuldades? Os dirigentes do PCF cultivavam um sem número de reticências e preconceitos em relação ao grupo surrealista. Por um lado, é provável que receassem ter dificuldades em enquadrar esses imprevisíveis *poetas* que se tinham revelado contestadores (em outubro, Péret e três outros companheiros do PCF – não-surrealistas – atreveram-se a distribuir, no prédio do *L'Humanité*, uma brochura na qual Breton ousava criticar a página cultural daquele diário e certos aspectos do PCF); por outro lado e, até, sobretudo, o tal de *surrealismo* era encarado com má vontade, a começar pelo próprio título de sua revista – A

Revolução Surrealista – que “suscitava todo o tipo de suspeitas” por parte do Partido. Ao fazer uma retrospectiva deste período, Breton relembrará as “objeções” que, embora de “caráter extremamente simplista”, eram levantadas pelos membros das Comissões de Controle como “obstáculos insuperáveis” à filiação dos surrealistas ao PCF:

[...] eu tentava justificar a atividade surrealista e dar provas da lealdade de minhas intenções. [...]. Rapidamente minhas explicações eram julgadas satisfatórias, mas sempre chegava um momento em que um dos inquiridores exibia um número da *Révolution surréaliste*, o que recolocava tudo novamente em questão. O mais engraçado, à distância – se posso assim dizer –, é que eram certas ilustrações que inevitavelmente os colocavam fora de si, sobretudo as reproduções de obras de Picasso. Diante delas, eles se instigavam uns aos outros, competindo para ver quem seria o mais cáustico: em que sentido deveria ser olhado? será que eu poderia dizer o que aquilo “representava”? como eu me permitia perder tempo com essas bobagens pequeno-burguesas? será que eu considerava isso compatível com a Revolução? etc. Eu tinha a ilusão de não me sair muito mal: afinal de contas, cada Comissão reunia-se para homologar minha adesão; porém, não sei por que motivos, uma nova Comissão decidia reunir-se pouco depois e, para a consternação geral, a revista de capa alaranjada era, novamente, atirada na mesa... (BRETON, 1952, p. 129-131)

Finalmente, as resistências acabam sendo – oficialmente, pelo menos – vencidas: em janeiro de 1927, quatro surrealistas (André Breton, Louis Aragon, Paul Éluard e Pierre Unik) filiam-se à seção francesa da Terceira Internacional. Como vimos, Benjamin Péret e J.-A. Boiffard já são membros do Partido desde o ano anterior.

Em abril de 1928, Péret casa-se, em Paris, com a cantora lírica brasileira Elsie Houston (cunhada do jovem advogado, jornalista e militante comunista Mário Pedrosa, por sua vez casado com sua irmã, Mary). Segundo o depoimento de Antônio Bento, Elsie “possuía uma voz de timbre inesquecível, incluía em seu repertório peças modernas, tendo-se tornado [...] uma recitadora de câmara de renome internacional” (BENTO, p. 67).

Também em 1928, sua coletânea de poemas *Le Grand Jeu* parece coroar um conjunto poético que – do *Passageiro do transatlântico* a esta última, passando por *Imortal doença* (1924, com um frontispício de Man Ray) e *Dormir, dormir nas pedras* (1927, com ilustrações de Yves Tanguy) – mostra-se extraordinariamente capaz de revelar segredos,

[...] segredos que lhes farão pensar
segredos tão fluídos que deslizarão entre seus dedos
como os minutos entre as coxas de uma bela mulher
e o sono dos insensatos
no sol
ao meio-dia! (OC, 1, p. 159)

No mesmo ano de 1928, embora sem romper com o PC francês, os surrealistas não renovam sua afiliação ao Partido. Benjamin Péret e seus amigos

continuam a declarar-se marxistas e a assumir os ideais comunistas; um conjunto de dúvidas e desilusões incita-os, porém, a tomar um mínimo de distância daquele Partido. Sem dúvida alguma, devem pesar os numerosos e vigorosos questionamentos levantados pelos escritos das diversas oposições bolcheviques à equipe no comando da URSS, bem como a surpreendente e chocante expulsão, das fileiras do PC da União Soviética, do ex-presidente do Soviete de Petrogrado e ex-fundador do Exército Vermelho: Leon Trotski. Também, e talvez sobretudo, o cansaço diante de certas práticas que testemunharam no Partido (Péret fala em "intrigas e conchavos suspeitos", em "ambiente envenenado" e em "estreiteza de visão" então reinantes no PCF [OC, 7, p. 242]).

Ainda em 1928, os surrealistas conhecem Mário Pedrosa em Paris. É sabido que, enviado para Moscou, pelo Partido Comunista do Brasil (PCB), para cursar a Escola Leninista Internacional, Pedrosa não chega à capital soviética: doente, vê-se forçado a interromper sua viagem em Berlim, onde toma conhecimento das divergências existentes na URSS e, em particular, das teses do grupo internacional ligado a Zinoviev. Desiste de seguir até Moscou aproveitando para documentar-se avidamente sobre as questões em debate. Durante uma estadia em Paris, aproxima-se da Oposição Internacional de Esquerda (impulsionada por Trotski), acabando por aderir àquele agrupamento.

Por sua vez, Péret irá, também, aproximando-se da Oposição de Esquerda (terá seu concunhado o influenciado nisto?). No início de 1929, ele teria, inclusive, tentado um contato neste sentido com Pierre Naville, então o principal representante de Trotski na França. Péret, porém, rumou para o Brasil com Elsie sem que o encontro se concretizasse.

Péret no Brasil (1929-1931)

Em fevereiro de 1929, ambos desembarcam no Rio de Janeiro.⁵ A *Revista de Antropofagia* sauda entusiasticamente a chegada de Péret no Brasil, designando-o como "um antropófago que merece cauins de cacique" (CUNHAMBEBINHO, 17.03.1929), acrescentando, na semana seguinte: "O Ocidente que nos tem mandado tanta coisa ruim, desta vez nos enviou uma exceção. Péret trouxe a magnífica coragem de uma liberdade." (SEM AUTOR, 24.03.1929)

Nos três anos de sua estada em São Paulo e no Rio, Péret milita no grupo trotskista brasileiro (tornando-se secretário do Comitê Regional do Rio de Janeiro), se debruça sobre diversos aspectos da vida e da cultura brasileiras, procura realizar

⁵ Sobre a vinda de Péret ao Brasil em 1929-1931, ver o documentado estudo de Jean Puyade; sobre a militância política de Péret durante aquela estada, remeto aos competentes estudos de Dainis Karepovs; para ambos, ver a bibliografia.

um filme no qual o palhaço Piolim ficaria com o papel principal (sem sucesso, por falta de recursos financeiros) e escreve vários textos: uma pioneira série de artigos sobre os cultos afro-brasileiros, documentos políticos, o prefácio a um volume sobre a revolta, em 1905, da tripulação do encouraçado russo Potemkin e um livro intitulado *O almirante negro*. Trata-se de um estudo sobre a Revolta da Chibata, liderada pelo marujo negro João Cândido, em 1910, quando a marinhagem de várias belonaves brasileiras ancoradas na baía da Guanabara levantaram-se contra os castigos corporais na esquadra brasileira.⁶

Em agosto de 1931, Elsie dá a luz a Geyser, seu filho. Em novembro, acusado de ser um *agitador comunista*, Péret é preso pela polícia política. Em decorrência de sua prisão, a polícia apreende na gráfica a edição inteira de *O almirante negro*, destruindo-a; também o original desaparece. Em dezembro, em cumprimento a um decreto do presidente da República, Getúlio Vargas, ocorre a sua expulsão do país.⁷

A década que antecede a Segunda Guerra

De volta à França, Péret reencontra os amigos surrealistas (com os quais havia-se mantido em contato durante sua estada brasileira), colabora com a nova revista do grupo – *Le Surréalisme au service de la Révolution* (O Surrealismo a Serviço da Revolução) – e consegue empregar-se como revisor, atividade profissional que será a sua até o final de sua vida. Em agosto de 1934, Elsie e ele decidirão separar-se (motivo: “*sobretudo o fim do amor*” [OC, 7, p. 330, grifado por Péret]).

Numa conjuntura marcada pelo ascenso do fascismo, Péret retoma a militância nas fileiras da Oposição de Esquerda, enquanto os demais surrealistas continuam desenvolvendo esforços para cooperar com o PCF – embora com cada vez mais desconfianças. A falta de democracia no Partido é sua principal queixa. A partir da segunda metade de 1934, acrescentam-se desacordos com as práticas

⁶ Sobre a Revolta da Chibata, ver: ALBIM, R. C. et alii. *João Cândido: o Almirante Negro*. Rio de Janeiro: Gryphus: Museu da Imagem e do Som, 1999. GRANATO, Mário. *O negro da chibata: o marinheiro que colocou a República na mira dos canhões*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000. MAESTRI, Mário. *Cisnes negros: uma história da Revolta da Chibata*. São Paulo: Moderna, col. “Polêmica”, 2000. MARTINS, Hélio Leônico. *A revolta dos marinheiros: 1910*. São Paulo: CEN, Serviço de Documentação Geral da Marinha, col. “Brasiliiana”, 1988. MOREL, Edmar. *A Revolta da Chibata: subsídios para a história da sublevação na Esquadra pelo marinheiro João Cândido em 1910*. 3^a ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro: Graal, 1979. NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. *Marinheiros em revolta: recrutamento e disciplina na Marinha de Guerra (1880-1910)*. Dissertação de mestrado. São Paulo: Unicamp, 1997. SILVA, Marcos A. da. *Contra a chibata: marinheiros brasileiros em 1910*. São Paulo: Brasiliense, col. “Tudo é história”, 1982.

⁷ Para um relato um pouco menos ligeiro da estada de Péret no Brasil, ver “Benjamin Péret, na França e no Brasil: incorruptível e sem freios”, a ser publicado no número 13 (dezembro 2009) de *O Olho da História* (que conterá um dossiê sobre o poeta, em comemoração aos 110 anos de seu nascimento, aos 80 anos de sua primeira chegada ao Brasil e ao cinqüentenário de seu falecimento).

patrióticas e de colaboração com a burguesia dita *democrática* desenvolvidas por esse Partido sob a égide da chamada política de Frente Popular. Em 1935, os surrealistas rompem definitivamente com o PCF e com a Internacional Comunista – em suma, com o stalinismo. Sem, no entanto, romper com o marxismo, nem com os ideais revolucionários do socialismo.

Em 1934, Péret publicou *De derrière les fagots* (com uma água forte de Picasso), coletânea na qual transborda uma “poesia especificamente subversiva que tem a cor do futuro [..., pois] milita de modo insolente por um novo *regime*, aquele da lógica ligada à vida, não como uma sombra, mas como um astro.” (ÉLUARD, p. 846)

É de 1936 *Desse pão, eu não como*, volume de *poemas* nos quais a poesia foi substituída pela virulência, a violência e a raiva através dos quais Péret acerta contas com uma série de instituições oficiais e de personagens cujos nomes povoam os manuais escolares de história e de moral-e-cívica. No mesmo ano, como que por um planejado contraste, *Eu sublime* (com quatro *frottages* de Max Ernst) permite conhecer o mais puro e inebriante lirismo com o qual se possa sonhar:

Meu avião em chamas meu castelo inundado de vinho do Reno
meu gueto de íris negras minha orelha de cristal
meu rochedo despencando-se pela falésia para esmagar o guarda-florestal
[...]
minha cascata azul como uma vaga de maremoto que faz a primavera
meu revólver de coral cuja boca me chama como o olho d'um poço
cintilante
gelado como o espelho onde contemplas a fuga dos colibris do teu olhar
perdido numa mostra de lençóis rodeada de múmias
eu te amo. (PÉRET, 1985, p. 105-107)

Em 19 de julho de 1936, o *pronunciamento* dos generais espanhóis, liderados por Franco, deflagra o início da guerra civil e da revolução na Espanha. Sem perder tempo, no começo de agosto, Péret deixa a França para engajar-se ao lado dos antifranquistas. Milita inicialmente nas fileiras do Partido Operário de Unificação Marxista (POUM, que criticava, pela esquerda, as políticas do PC e do PS espanhóis). Em Barcelona, conhece a pintora Remedios Varo, que torna-se sua companheira. No início de 1937, passa para as milícias anarquistas. Sua correspondência deixa transparecer suas críticas ao POUM, sua total inconformidade com a política do PC espanhol (“[eles] sabotam *abertamente* a revolução”) e suas conseqüentes preocupações a respeito da evolução da situação (“Há tantas coisas, tantos sinais inquietantes no mais alto grau, que não posso [...] contar [devido à censura à correspondência]”) (PÉRET, in COURTOT, 1965, p. 36). Em maio de 1937, convencido de que não há mais nada que possa ser feito para a Revolução Espanhola, volta para a França – Remedios Varo acompanha-o –, onde

os demais membros do grupo surrealista desenvolvem uma intensa atividade tanto de apoio à Espanha Republicana como de denúncia e protesto contra os Processos de Moscou.

Em 1939, começa a Segunda Guerra Mundial. Péret é mobilizado e, pouco tempo depois, preso devido a sua atividade política no seio do exército. Consegue fugir no momento do colapso das tropas francesas diante daquelas do Terceiro Reich. Refugia-se em Marselha, na zona livre da ocupação nazista, mas submetida ao regime fascista e pró-nazista do marechal Pétain. Obtém um visto de entrada no México (PRÉVAN, p. 43-46 e 49-60).

O México, a França

Não sem dificuldades, sai da França em outubro de 1941. No início de janeiro de 1942, chega no México onde, durante seis anos, vive no exílio com Remedios, com quem casa, em 1943, após o falecimento de Elsie Houston.

Desenvolve intensa pesquisa sobre os povos pré-colombianos e começa a reunir textos de mitos, lendas e contos da América, com vistas à organização de uma antologia. Redige a primeira parte do texto de apresentação desta – um estudo sobre as relações entre os mitos e a poesia – e o envia a Breton. Entusiasmado pela sua qualidade, este o publica imediatamente em Nova Iorque (onde está exilado), sob o título *A palavra está com Péret*. Em 1945, vem à luz, no México, seu polêmico, corajoso e necessário *A desonra dos poetas*, no qual

manifesta sua hostilidade contra todos aqueles que, sob o pretexto de participar da luta contra os nazistas, transformaram a poesia numa técnica propagandística e que, ao exaltar uma ‘liberdade decorada com atributos religiosos ou nacionalistas’, na verdade ergueram um obstáculo à ‘liberação total do homem’. (NAVARRI, in BEAUMARCAIS et alii, p. 1.734)

Em 1946, junto com Natália Sedova, a viúva de Trotski, rompe com a Quarta Internacional. O motivo central é a divergência sobre a manutenção da caracterização da URSS: não se trataria mais, no entender dele, de um estado operário, mesmo que *degenerado*, mas de um capitalismo de Estado. Péret continua, porém, a declarar-se marxista, a assumir o trotskismo.

Volta à sua terra natal no início de 1948 (Remedios fica no México). Continua a trabalhar como revisor. Como sempre fez, continua colaborando nas revistas e atividades do grupo surrealista. É na França que publica o que o México lhe ditou: em 1952, seu magnífico poema *Ar mexicano*,

tentativa absolutamente feliz de *transplante de cultura*, como se fala de *transplante de coração* em medicina. Péret [...] não dá a palavra à cultura nahua, ele é a palavra viva, o poeta do povo nahua. [...]. O poema é um soberbo grito de revolta: é a revanche poética de um povo condenado pela História. (COURTOT, 1999, p. 154, grifado por Courtot)

E, em 1955, aparece sua excelente “Apresentação” da bela tradução que realizou, a partir do espanhol, do *Livro de Chilám Balám de Chumayel*, manuscrito que é uma “tensão por uma sobrevida cultural”, uma das maiores expressões “do esforço do povo maia em salvar o que podia ser salvo de suas tradições culturais” (OC, 6, p. 168).

No decorrer de 1954, é acometido por múltiplos problemas de saúde (crises extremamente dolorosas e quase permanentes de neurite na cabeça, pressão alta, arritmia cardíaca, gripes sucessivas), que se agravam até sua hospitalização no início de janeiro de 1955 quando é operado dos nervos trigêmeos e quando os médicos diagnosticam uma angina crônica do peito. Convalescência difícil. Seu filho convida-o para vir ao Brasil, para descansar, encontrá-lo, e – o mais importante para alguém que passou a vida inteira com dificuldades materiais – manda o dinheiro para a passagem. No dia 24 de maio, Péret embarca no porto de Le Havre, com destino ao hemisfério sul.

Novamente no Brasil (1955-1956)

Na verdade, Péret descansa pouco no Brasil: aproveita os quase onze meses de sua segunda estada brasileira para reencontrar amigos, dar entrevistas, ler com avidez sobre o país, observar as relações sociais, as transformações sociais, políticas, econômicas e culturais, colecionar borboletas, fotos, objetos, escrever artigos (entre os quais um belo ensaio sobre o quilombo de Palmares [ver PÉRET, 2002]) e realizar três viagens: uma para o norte e nordeste, as duas outras entre tribos indígenas, no Mato Grosso e na ilha de Bananal (escreverá artigos a respeito).

Ao chegar da terceira viagem e às vésperas de voltar para Paris, Péret é preso: com considerável atraso, a Polícia Política e Social descobriu que o decreto de expulsão de 1931 continuava em vigor! Pressionado por uma campanha que mobilizou importantes setores da intelectualidade brasileira, o governo revoga às pressas o referido decreto. Péret sai da cadeia para preparar as malas e... embarcar, como previsto, para a França.⁸

⁸ Para um relato um pouco menos ligeiro da segunda estada de Péret no Brasil, em 1955-1956, e de suas viagens ao norte, nordeste e Mato Grosso, ver o artigo a ser publicado no número 13 de *O Olho da História*; para um detalhamento dessa segunda estada, ver: PONGE, 2005.

Os últimos anos

Em 1956, vem à luz sua *Antologia do amor sublime*, com um belo ensaio introdutório (“O núcleo do cometa”). 1958 vê a publicação de seu conto *História natural* (com ilustrações de Toyen), que,

sob a luz de um passado fabuloso [...] relata a história do mundo físico, revista e corrigida por Benjamin Péret. [...] contrariamente ao espírito estático das explicações lógicas ou religiosas às quais o homem ocidental [...] está habituado, as narrativas de Péret, à semelhança daquelas dos índios da América, descrevem, inventam um mundo de metamorfoses e de surpresas incessantes. (BAILLY, p. 75-76)

Em 1959, é publicada, na Itália, *A poesia surrealista francesa*, antologia que organizou e prefaciou (PÉRET, 1959).

Participa em todas as revistas surrealistas publicadas em Paris a partir de 1948 (*Néon*; *Médium*; *Le Surrealisme, même*; *Bief*) e assina todos os documentos coletivos lançados pelo grupo para posicionar-se sobre os acontecimentos da década (entre os quais, a repressão desencadeada pela URSS nos países do chamado Leste Europeu, com destaque para o sangrento esmagamento da Revolução dos Conselhos, na Hungria em 1956; também as guerras coloniais da França – Vietnã, Argélia – e seus efeitos sobre a política interna da França). A partir de 1958, colabora ao periódico *Le 14 juillet*, que reagrupa intelectuais de esquerda contra o regime instaurado, na França, pelo general de Gaulle.

Em 1960 – até que enfim! –, sai (com o longo e importante ensaio introdutório sobre a arte primitiva e a poesia) a *Antologia dos mitos, lendas e contos populares da América* que começou a organizar no México (PÉRET, 1960). Benjamin Péret, entretanto, não conecerá sua publicação, que é póstuma: falecera em setembro de 1959 de uma trombose na aorta.

Elementos de balanço

Ao receber a notícia do falecimento de Péret, o diretor da revista *Anhembi*, Paulo Duarte, não esquecerá de saudar a figura daquele francês que colaborara por quatro vezes em sua revista:

Surrealista militante, nas letras, nas artes e mesmo na vida –, Benjamin Péret participou de 1920 até sua morte [...], de todas as discussões, de todas as batalhas do surrealismo, impávido, coerente e fiel. Entusiasmado e desesperado, zangado e apaixonado, violento e carinhoso, ele prosseguia na sua busca do maravilhoso no seio do movimento do qual foi um dos principais fundadores, apondo sua assinatura em todos os manifestos e panfletos, criticando, condenando, insultando, utilizando para isso até o escândalo, sabendo, por outro lado, enaltecer, compreender e temperar a sua violência, graças a sua cultura encyclopédica: tudo havia lido, os franceses e estrangeiros, os antigos, os autores da Idade Média, assim como aqueles que, nas separatas e revistas, transmitiam sua mensagem. Arrasava com facilidade os papas, os arrivistas, os acadêmicos, mas era preciso ouvi-lo falar de algumas páginas de Gide ou de algum poema de Valéry para poder avaliar a autêntica e perfeita sinceridade de Péret, o intransigente, de Péret, o impiedoso. [...]." (Anhembi, in PÉRET, 1985, p. 188)

Em 1967, o grupo surrealista de São Paulo resolverá, como merecida homenagem à obra e à “presença” do poeta surrealista “na cultura brasileira”, reservar-lhe um espaço na 1ª Exposição Surrealista no Brasil e consagrá-lo, no catálogo da mesma, um artigo, cujos parágrafos finais conseguem, em poucas linhas, apresentar uma justa e precisa síntese da trajetória de Péret:

A significação de sua poesia e de sua obra crítica (de reivindicações e de *humour noir*), quase desconhecida entre nós, os seus trabalhos sobre o amor sublime e sobre a tradição popular nos contares das Américas e sobre a mitologia *sacrée* da religião maia, conferem-lhe uma posição sem igual no movimento surrealista e nas artes contemporâneas.

Além do que, a significação para os cidadãos do mundo do seu livro *O almirante negro* e dos seus trabalhos sobre as artes no Brasil restará imponderável.

Benjamin Péret, poeta essencial na época contemporânea, é o enunciador da ‘verdade selvagem com olhar de evidência’, é a poesia mesma. (LIMA, p. 115)

Com inegável acerto, Sérgio Lima, autor do artigo, denominou seu texto com palavras do próprio Péret, aquelas mesmas palavras que seus companheiros parisienses haviam gravado, em letras vermelhas, na placa de granito afixada em sua tumba, na qual se pode ainda hoje ler:

BENJAMIN PÉRET

1899-1959

DESSE PÃO, EU NÃO COMO

Bibliografia

Obras de Benjamin Péret

PÉRET, OC. – PÉRET, Benjamin. *Oeuvres complètes*, em sete tomos. Paris: publicadas pela Association des amis de Benjamin Péret em co-edição com a Editora Éric Losfeld para os tomos 1 à 3 (respectivamente: 1969, 1971, 1979), e com a Editora José Corti para os tomos 4 a 7 (1987, 1989, 1992 e 1995).

PÉRET, 1945. – PÉRET, Benjamin. *Le Déshonneur des poètes*. (1945). Paris: Mille et une nuits, “La Petite Collection”, 1996.

PÉRET, 1956. – PÉRET, Benjamin. *Anthologie de l'amour sublime*. (1956). Paris: Albin Michel, “Bibliothèque Albin Michel poche”, 1988.

PÉRET, 1959. – PÉRET, Benjamin (Org.). *La poesia surrealista francese*. (1959). Traduzione di Roberto Sanesi e Arturo Schwarz. Introduzione di Arturo Schwarz. Prefazione di Benjamin Péret. 2ª ed. Milano: Feltrinelli, 1978.

PÉRET, 1960. – PÉRET, Benjamin. *Anthologie des mythes, légendes et contes populaires d'Amérique*. (1960). Paris: Albin Michel, “Bibliothèque Albin Michel poche”, 1989.

PÉRET, 1985. – PÉRET, Benjamin. *Amor sublime: ensaio e poesia*. Organizado por Jean Puyade. Edição bilíngüe. Traduzido do francês por Sergio Lima e Pierre Clemens. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PÉRET, 1999. – PÉRET, Benjamin. *Trois cerises et une sardine, suivi d'autres poèmes*. Anthologie de poèmes. Paris: Syllepse, “Les Archipels du surréalisme”, 1999.

PÉRET, 2002. – PÉRET, Benjamin. *O quilombo dos Palmares*. Organização, ensaios e comentários por Robert Ponge e Mário Maestri. Porto Alegre : Ed. UFRGS, 2002.

Estudos gerais sobre Benjamin Péret

BAILLY, Jean-Christophe. *Au-delà du langage: une étude sur Benjamin Péret*. Paris: Éric Losfeld, coll. "Le Désordre", 1971.

BEDOUIN, Jean-Louis. *Benjamin Péret*. Paris: Seghers, coll. "Poètes d'aujourd'hui", 1961.

COURTOT, 1965 – COURTOT, Claude. *Introduction à la lecture de Benjamin Péret*. Paris: Le Terrain vague/Association des amis de Benjamin Péret, 1965.

NAVARRI, Roger. "Péret (Benjamin)". In: BEAUMARCAIS, J.-P.; COUTY, Daniel; REY, Alain. *Dictionnaire des littératures de langue française*. Paris: Bordas, 1984. p. 1733-1735.

PRÉVAN, Guy. *Péret Benjamin, révolutionnaire permanent*. Paris : Syllepse, col. « Archipels du surréalisme », 1999.

Sobre Péret nas Américas

BENTO, Antônio. "O ambiente no Rio ao tempo de Ismael Nery". *Cadernos Brasileiros*, nº 35. Ano VIII, nº 3. Rio de Janeiro, maio-junho 1966, p. 61-69.

COURTOT, 1999 – COURTOT, Claude. "O passageiro do transatlântico (Péret e a América)". Traduzido do francês por Ricardo Iuri Canko. In: PONGE, Robert (Org.). *Surrealismo e Novo Mundo*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, no prelo.

CUNHAMBEBINHO. "Benjamin Péret". *Revista de Antropofagia*, 2ª dentição, nº 1. *Diário de São Paulo*. 17.03.1929.

KAREPOVS. 1994: "Benjamin Péret: surrealismo e trotskismo no Brasil". In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Trotsky hoje*. São Paulo: Editora Ensaio, "Cadernos Ensaio, série Grande Formato", 1994. p. 217-234.

LIMA, Sergio. 1967: "Je ne mange pas de ce pain-là: Benjamin Péret". *A Phala*, revista do movimento surrealista, nº 1. São Paulo: FAAP, ago. 1967. p. 115-130 (o artigo está redigido em português).

PONGE, 2005. – PONGE, Robert. "Des anthropophages de São Paulo aux prisons de Rio de Janeiro en passant par les indiens kalapálos qui ont 'mangé l'explorateur Fawcett' : les séjours brésiliens de Benjamin Péret". *Trois Cerises et une sardine*, nº 17. Paris: Association des amis de Benjamin Péret, oct. 2005. p. 2-15.

PUYADE, Jean. "Benjamin Péret: um surrealista no Brasil". *Revista Conexão-Letras*, nº 1. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, oct. 2005. 13 p. Disponível na rede no endereço <http://www.msmedia.com/conexao/>

SEM AUTOR. "A conferência de Péret". *Revista de Antropofagia*, 2ª dentição, nº 2. *Diario de São Paulo*. 24.03.1929.

Textos de dadaístas e surrealistas

BRETON, 1920. – BRETON, André. "Deux Manifestes dada, II". (Mai 1920). In : Idem. *Les Pas perdus*. (1924). Paris: Gallimard, coll. "L'Imaginaire", 1990. p. 61-63.

BRETON, 1924. – BRETON, André. "Manifeste du surréalisme". (1924). In: Idem. *Manifestes du surréalisme*. Paris: Gallimard, coll. "Idées", 1966. p. 11-64.

BRETON, 1935. – BRETON, André. "Discours au Congrès des écrivains". (Juin 1935). In: Idem. *Position politique du surréalisme*. Paris: Denoël-Gonthier, coll. "Médiations", 1972. p. 81-95.

BRETON, 1952. – BRETON, André. *Entretiens (1913-1952)*. (1952). Paris: Gallimard, coll. "Idées", 1969.

Déclaration du 27 janvier 1925, declaração coletiva do grupo surrealista, datada de 27.01.1925. In: *Tracts surréalistes et déclarations collectives*. T. 1: 1922-1939. Organisation, présentation et commentaires de José Pierre. Paris: Losfeld/Le Terrain vague, 1980. p. 34-35.

ÉLUARD, Paul. "Prière d'insérer pour *De derrière les fagots* de Benjamin Péret". (1934). In: Idem. *Œuvres complètes*. T. 2. Paris : Gallimard, "Bibliothèque de la Pléiade", 1968. p. 846.

PICABIA, Francis. "Littérature". *Littérature*, nouvelle série, n° 4. Paris, 1^{er} sept. 1922. p. 6. Réimpression anastatique: Paris : Jean-Michel Place, 1978.

TZARA, Tristan. "Manifeste dada 1918". (1918). In : Idem. *Lampisteries*, précédées des *Sept Manifestes dada*. Paris: Pauvert, 1979. p. 19-35.

Estudos sobre dadaísmo e surrealismo

ALEXANDRIAN, Sarane. *Le Surréalisme et le rêve*. Paris: Gallimard, coll. "Connaissance de l'inconscient", 1974.

BENAYOUN, Robert. *Le Rire des surréalistes*. Paris: La Bougie du sapeur, 1988. Ch. 11: "Les Fous Rires du demi-sommeil".

BONNET, Marguerite. *André Breton et la naissance de l'aventure surréaliste*. Paris: José Corti, 1975.

PONGE, 1991. – PONGE, Robert. "Mais luz!". In: Idem (Org.). *O surrealismo*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991. p. 15-29.

REBOUÇAS, Marilda de Vasconcellos. *O surrealismo*. São Paulo: Ática, série "Princípios", 1986.

SANOUILLET, Michel. *Dada à Paris*. (1965). Nice: Centre du XX^e siècle, 1980.